



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES
TEORIA E PRÁTICAS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

**“ALEGORIA DA CAVERNA” DE PLATÃO: O PAPEL DO EDUCADOR E O
PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO**

GEINA EMILIA GERMANO DA SILVA

Catolé do Rocha/PB

2014

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES
TEORIA E PRÁTICAS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

**“ALEGORIA DA CAVERNA” DE PLATÃO: O PAPEL DO EDUCADOR E O
PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO**

GEINA EMILIA GERMANO DA SILVA

Trabalho monográfico de conclusão do Curso de
Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares.

Orientador: Prof^o Ms. Rômulo César Araújo Lima

Catolé do Rocha/PB

2014

UEPB - SIB - Setorial - Campus VII

S586a Silva, Geina Emilia Germano da.
"Alegoria da Caverna" de Platão [manuscrito]: o papel do educador e o processo de emancipação / Geina Emilia Germano da Silva. - 2014.

27 p.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima, Letras".

1. Alegoria da Caverna. 2. Educação. 3. Educador. 4. Emancipação. I. Título.

21. ed. CDD 371.27

GEINA EMILIA GERMANO DA SILVA

“Alegoria da Caverna” de Platão: o papel do educador e o processo de emancipação.

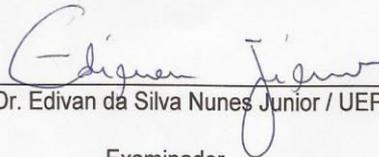
Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 14/06/2014.



Prof.º Msc. Rômulo César Araújo Lima / UEPB

Orientador



Prof.º Dr. Edivan da Silva Nunes Junior / UEPB

Examinador



Prof.º Dr. Evandro Franklin de Mesquita / UEPB

Examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, pela força, saúde e sabedoria para superar as dificuldades encontradas nessa caminhada.

Aos professores que me deram a oportunidade de abranger meus conhecimentos a partir de suas aulas enriquecidas de aprendizado, principalmente ao meu orientador, professor Mestre Rômulo que me orientou de forma íntegra e revisou com paciência meu trabalho.

Aos meus pais, irmãos e principalmente meu esposo, que sempre me incentivaram com apoio incondicional a nunca desistir de meus objetivos.

A todos que de forma direta ou indireta fazem parte da minha formação, o meu muito obrigado.

O valor fundamental da vida depende da percepção e do poder de contemplação ao invés da mera sobrevivência.

Aristóteles

Dedico esta monografia ao meu esposo e eterno namorado que sempre quando pensava em desistir, ele me dava forças para continuar, uma pessoa especial que me ensinou muitas coisas, como ter paciência e sabedoria para prosseguir, mesmo que o caminho esteja difícil, pois quando estiver no final, olharei para trás e me sentirei vitoriosa, obrigada por sempre estar ao meu lado me dando forças. Eu te amo!

RESUMO

O presente trabalho estuda a ligação da Alegoria da Caverna de Platão com o processo de emancipação do ensino-aprendizagem, enfatizando a conscientização social e política da educação democrática. Dentro da problemática busca-se entender o processo emancipatório de ensino-aprendizagem comparado a Alegoria da Caverna. Esse trabalho foi elaborado como forma de enriquecer a educação atual, por isso tem como objetivo mostrar como a Alegoria da caverna está vinculada a educação. Torna-se fundamental entender o pensamento do educador no sistema educacional, como também a conscientização social e política em uma educação democrática, a partir de referências bibliográficas que irão enriquecer esse trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Alegoria da Caverna, Educação, Educador, Emancipação.

ABSTRAT

The present work studies the link of Plato's Cave Allegory with the emancipation process of teaching and learning, emphasizing the social and political awareness of democratic education. Within the problem we seek to understand the emancipatory process of teaching-learning compared the allegory of the cave. This work was designed as a way to enrich the current education, so it aims to show how the allegory of the cave is linked to education. It becomes crucial to understand the thinking of the educator in the educational system, but also the social and political awareness in a democratic education, from references that will enrich this work.

KEYWORDS FOR THIS PAGE: Allegory of the cave, education, educator, emancipation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 A ALEGORIA DA CAVERNA	10
3 PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO NO ENSINO-APRENDIZAGEM	16
4 CONSCIENTIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA BASEADA EM UMA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6 REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz uma análise sobre a relação da Alegoria da Caverna de Platão com o processo de emancipação da educação, percebe-se que, no sistema educacional atual necessita-se de uma transformação na educação, onde os indivíduos libertem-se de suas amarras, obtendo um novo olhar no processo de ensino-aprendizagem. Será que a Alegoria da Caverna ajuda a entender e transformar o pensamento do educador no sistema educacional?

Tomando como referência a obra “A República” de Platão, percebe-se que o filósofo considerava a sociedade de seu tempo ignorante e, por isso, formulou modelos para o ensino. Para ele, o conhecimento é resultado daquilo que a alma contemplou no mundo das ideias. Contudo, a educação tem como finalidade despertar no indivíduo aquilo que ele já sabe não se apropriando de um conhecimento já estabelecido.

O interesse pela temática surgiu por uma grande admiração à obra “A República” de Platão, principalmente o livro VII que é onde está inserida a Alegoria da Caverna na qual se observa um paralelo entre a educação e o conhecimento.

A Alegoria da Caverna abrange também sentidos diversos como: a acepção ontológica (graus de ser), a epistemologia (graus de conhecer), a política e a mítica ou religiosa.

Monroe (1958) expõe que Platão foi precursor da teoria da educação, da Pedagogia, na qual se sobressai reflexão pedagógica associada à política. O filósofo organizou o ensino e a investigação sistemática. Sua concepção pedagógica está pautada na sua filosofia, predominando as ideias éticas, a preocupação da justiça. Para Platão a educação tem caráter e a ideia central da sua pedagogia pode-se descrever como a formação do homem moral dentro do Estado justo.

Como técnica de pesquisa foi utilizada coleta e análise bibliográfica e demais publicações científicas que enriqueceram o desenvolvimento do trabalho monográfico.

2 A ALEGORIA DA CAVERNA

O ser humano está sempre em busca de autoconhecimento, busca o envolvimento com o transcendente para que possa assumir e encontrar sua identidade. Segundo Elíade (1972, p.11), conhecer os mitos é aprender o segredo e a origem das coisas, identificar o sentido das coisas, fazendo com que o conhecimento torne-se claro.

Partindo da análise sobre a importância do conhecimento de mitos para construirmos novos conhecimentos, percebe-se que para entender um mito deve-se obter um estudo histórico, antropológico, sociológico e filosófico, pois só o senso comum não basta.

Mitos são narrativas de fundo histórico que preservam seu aspecto pedagógico de forma alegórica e metafórica. Não é o caso dessa alegoria e de tantas outras que Platão construiu para simbolizar sua metafísica, epistemologia, dialética, mística e ética. Segundo Reale (16) “é o mito que expressa Platão em sua totalidade”. Concordo com essa frase substituindo o termo e a noção de mito por alegoria, pois a alegoria é representada por uma figura de linguagem utilizada para representar fatos, cujo sentido pode ser um sentido contrário do que quer ser dito.

A partir dessa análise chega-se a uma interrogação, porque a forma alegórica de exposição? Segundo Cunha, “a alegoria é a tradução do simbólico para o conceitual”. “O simbólico”, ainda citando Cunha, “é a tradução dos acontecimentos para o mitológico – é a narrativa”. Teríamos, então, o seguinte esquema:

acontecimento ==> mito ==> alegoria ==> conceito

E “as alegorias são construções intelectuais laboriosas em que intencionalmente se fala de uma coisa subentendendo outra”. Nessa narrativa sobre alegoria, o narrador cria uma ponte entre experiência do intérprete – aquele que ouve – e a informação que se pretende apresentar. A alegoria é uma forma híbrida de interpretação da realidade: tem um pé na mitologia e outro na filosofia.

Partindo da análise conceitual sobre mito e alegoria, nesse trabalho será destacado A **Alegoria da Caverna** que foi escrita por Platão no livro VII de “**A República**”. Trata-se de um diálogo metafórico onde as falas na primeira pessoa são de Sócrates, e seus interlocutores, Glauco e Adimanto, são os irmãos mais novos de Platão. A abordagem que irá ter destaque neste trabalho será o processo de conhecimento explicando como podemos nos libertar da condição de escuridão que nos aprisiona através da luz da verdade.

Segundo Reale, Antiseri, 1990, além dessa abordagem acima citada a **Alegoria da Caverna** abarca outras interpretações como: a acepção ontológica (graus de ser), a epistemologia (graus de conhecer), a política e a mítica ou religiosa.

Na Alegoria da Caverna a acepção ontológica está relacionada com luz e sombra que se relacionam com contemplação intuitiva das essências de ideias, da realidade. Na abordagem epistemológica analisa até que ponto o indivíduo é capaz de perceber os aspectos que fazem parte da essência do sujeito, objeto ou situação observada. (Jerphagnon, 1992).

A abordagem política se torna plausível devido a própria obra em que a Alegoria está inserida é vinculada a política que tem como tema “A República”, onde mostra as qualidades necessárias para um bom governante, analisando a situação política do povo ateniense da época (REALE, 1990). Esses elementos ratifica o entendimento de que esta possa vir a ser uma das interpretações dadas a Alegoria da Caverna.

A Alegoria da Caverna tem abordagem no que diz respeito ao aspecto místico e teológico. Platão bem como Sócrates, acreditava existir o que a ciência denomina de metafísica, seu próprio discípulo Aristóteles, ratificava essa ideia, que acreditava na existência da alma, antes, inclusive de qualquer experiência material. (REALE, 1990).

Depois de analisarmos algumas abordagens relacionadas A Alegoria da Caverna nos deteremos ao texto acima citado que está inserido no livro VII da obra

“*A República*” de Platão. A maioria dos indivíduos, segundo Platão, encontra-se preso em uma caverna (COTRIM, 2000).

No texto *A Alegoria da Caverna*, Sócrates solicita que Glauco imagine um muro bem alto separando um mundo externo de uma caverna, na caverna existe uma fresta por onde passa um feixe de luz exterior. No interior existem seres humanos que nasceram e cresceram ali, esses seres humanos ficam sempre de costas para a entrada, acorrentados, sem poder mover-se, forçados a olhar o fundo da caverna de onde são projetadas sombras de outros homens, onde mantêm acesa uma fogueira.

No diálogo, Platão sugere que um destes homens consiga se libertar e então percebe sua situação, passando a enxergar os objetos externos e também as projeções que refletem a imagem no muro. Ao passo que, se este homem sair da caverna sentir-se-á um tanto que incomodado com a luz solar, pois não está acostumado a ela, assim deixará de olhar para a luz e irá fitar o ambiente ao seu redor e quando o fizer irá se deparar com a realidade e assim conseguirá enxergar os objetos reais:

Figura-te agora o estado da natureza humana, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer. Imagina os homens encerrados em morada subterrânea e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só veem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Atrás deles, a certa distância e altura, um fogo cuja luz os alumia; entre o fogo e os cativos imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os tabiques que os pelotiqueiros põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes as molas dos bonecos maravilhosos que lhes exibem. (...) Pois agora, meu caro GLAUCO, é só aplicar com toda a exatidão esta imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito. O antro subterrâneo é o mundo visível. O fogo que o ilumina é a luz do sol. O cativo que sobe à região superior e a contempla é a alma que se eleva ao mundo inteligível. Ou, antes, já que o queres saber, é este, pelo menos, o meu modo de pensar, que só Deus sabe se é verdadeiro. Quanto à mim, a coisa é como passo a dizer-te. Nos extremos limites do mundo inteligível está a ideia do bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, se impõe à razão como causa universal de tudo o que é belo e bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível, e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos (PLATÃO, 2004, p. 287-291).

O indivíduo que conseguiu se libertar vive uma situação de dúvida, se volta ou não para avisar aos outros. Segundo Platão (2004, p.94) “se ele voltar e revelar o que viu correrá sérios riscos, desde ser ignorado, até ser morto por eles, que o tomarão por louco e inventor de mentiras.

Assim, analisando a alegoria da caverna de Platão quando o prisioneiro se “liberta da caverna”, o que na verdade ele está fazendo é buscar a natureza da verdadeira realidade o que o conduz, conseqüentemente, a um processo de

verdadeiro conhecimento, por não se contentar com uma suposta verdade que lhe foi imposta durante toda a vida. É esta “chama” da busca do conhecimento que não deve ser apagada jamais.

Segundo Marilena Chauí em seu livro *Convite a Filosofia* ela expressa seu pensamento diante da Alegoria da Caverna com alguns questionamentos: O que é a caverna? O mundo em que vivemos. Que são as sombras das estatuetas? As coisas materiais e sensoriais que percebemos. Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna? O filósofo. O que é a luz exterior do sol? A luz da verdade. O que é o mundo exterior? O mundo das ideias verdadeiras ou da verdadeira realidade. Qual o instrumento que liberta o filósofo e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros? A dialética. O que é a visão do mundo real iluminado? A Filosofia. Por que os prisioneiros zombam, espancam e matam o filósofo? “Porque imaginam que o mundo sensível é o mundo real e o único verdadeiro.”

“A Alegoria da Caverna” também reporta a distinção entre o sensível (visível) e o inteligível (invisível). O invisível é à base da teoria do conhecimento de Platão. Para o filósofo a educação é a mudança de caminho, e para ilustrar esta saída da ignorância ele utiliza “A Alegoria da Caverna”. No “Górgias”, Platão mostra a pergunta “que é?” e a partir dela pressupõe-se que conhecer é oferecer uma explicação racional sobre o objeto da pergunta e sim sobre as opiniões que dele formamos, ou seja, a questão “que é?” começa a ser respondida quando os interlocutores do diálogo precisam justificar as afirmações ou negações que fazem sobre alguma coisa e, portanto, conhecer é primeiramente entender os atos mentais e discursos com os quais se afirma ou nega-se alguma coisa. “É no Górgias que Platão abandona pela primeira vez a simples atitude de exame e investigação predominante nos diálogos anteriores” (JAEGER, 1995 p. 685).

Nesta linha de raciocínio, merece destaque, também, uma outra crítica feita à condição humana que vem estampada no livro “A Caverna” de José Saramago (2000) que é uma leitura moderna da alegoria da caverna de Platão que retrata – assim como apresentado por Platão – a ignorância, como sendo um objeto em que o ser humano seria um constante prisioneiro, além de apontar os desastres provenientes pelas práticas capitalistas desumanas e desleais.

Nascemos em uma confortável escravatura, onde devemos tomar consciência e distinguir a realidade da ilusão. Todos desejamos conforto, solução fácil só que esse paraíso nos faz prisioneiro de nossa realidade.

Perceber claramente que a Caverna é o mundo como nós o vemos, muitas vezes com nossos pré-conceitos, paradigmas e dogmatismos, “conhecemos” apenas a “nossa caverna” e achamos que tudo e o todo está contido ali. Imagine um homem de uma tribo no meio da Floresta Amazônica que nunca saiu de lá de sua tribo, nunca viu nem assistiu uma televisão ele só conhece o seu mundo da caverna. Nós somos assim quando através de “achismos” e credences mirabolantes que nos são passadas, acreditamos ser os donos da verdade, e não ouvimos nada nem ninguém (CHAUÍ, 2005, p.68).

Através do pensamento acima citado, percebe-se que nós devemos nos libertar dessa caverna, dessas credences, deixarmos de querer sermos os donos da verdade, aceitar que vivemos em um mundo de transformações, onde todos tem direito.

Verifica-se, por meio de um olhar crítico, que os problemas apontados dentro da Alegoria da Caverna de Platão e, já enfrentados no passado, encontram-se atualmente no processo de ensino-aprendizagem ainda maiores sendo este o objeto/foco deste estudo.

3 PROCESSO DE LIBERTAÇÃO NO ENSINO-APRENDIZAGEM

Segundo Platão a educação é liberdade, um processo lento e doloroso, onde vai expondo as pessoas a verdade. Pouco a pouco na medida que os indivíduos são libertados, com mais luz, vão percebendo que a nova forma de ver tem mais sentido.

Com a educação os indivíduos tornam-se seres mais conscientes do mundo que os rodeia, pois liberta da condição de ignorância.

A educação é uma troca de saberes, partindo dessa análise Cortella (2008, p. 159) nos apresenta um sábio ditado chinês que nos convida a questionar sobre o que é partilhar saberes:

Se dois homens vem andando por uma estrada, cada um carregando um pão e, ao se encontrarem, eles trocam os pães, cada homem vai embora com um, porém, se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando uma ideia, e ao se encontrarem eles trocam as ideias cada homem vai embora com duas.

Por isso deve-se transformar os pães em ideias e multiplicarem, a persistência é um processo de libertação. O verdadeiro educador rompe os mitos, pois ele é questionador, pesquisador, encantando o aluno, buscando descobertas e conhecimentos. Cortella (2008) ainda traz o alerta de transformar as informações em conhecimento, a era da tecnologia, de informações exige do educador para auxiliar seus educandos, sendo necessário torná-los questionadores, indivíduos que não aceitem tudo pronto, mas que consigam ultrapassar as barreiras da sua realidade.

Na visão de Pedro Demo (2000) é preciso dominar a capacidade de “aprender a aprender” e saber pensar, dessa forma, questionar aquilo que é imposto como verdade torna-se salutar.

Ao analisar a Alegoria da Caverna de Platão (1999) quando o prisioneiro se “liberta da caverna”, percebe-se que ele realmente busca a natureza da verdadeira realidade que o conduz, ocorrendo assim um processo de conhecimento, pois ele não se contentou com a realidade, deve-se buscar melhorar o meio ao seu redor, pois essa função é responsabilidade do indivíduo.

E essa busca de conhecimento não pode ser apagado, não deve-se contentar com a realidade, deve-se buscar melhorar o meio ao seu redor, pois essa função é responsabilidade do indivíduo. A conscientização no processo de construção da criticidade contribui para a transformação da realidade, do educador e educando. A educação libertadora transforma a compreensão da realidade.

Tratando-se de conhecimento sabe-se que as perguntas movem o conhecimento e não as respostas. As respostas levam o indivíduo ao ócio, induzindo a acreditar que tudo já foi solucionado, o problema é que nem tudo que é repetido é verdadeiro.

No que tange à questão da educação, é preciso que os educadores tirem de si a ilusão das sombras, desenvolvendo o pensamento crítico construtivo, para produzir novos conhecimentos. Os que conseguem sair da caverna deve mostrar aos que permanecem que existe um mundo além daquele ao qual eles estão acostumados, muito embora pareça algo doloroso e confuso, pois não estão acostumados com a luz da verdade, a luz do conhecimento. Deve sempre ser frisado que todos temos que sair da caverna, buscar conhecer e nunca achar que já conhecemos o bastante, pois corremos o risco de voltar à caverna e nos acostumarmos novamente com a escuridão, ou seja, com a ignorância. Todos temos que entender que nunca sabemos o bastante e o conhecimento é incansável.

Também dentro desta perspectiva Gadotti (2003, p.9) ressalta a figura do professor como um reorganizador de aprendizagens uma vez que:

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber - não o dado, a informação, o puro conhecimento - porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.

Os professores encontram dificuldades em transmitir o conhecimento de uma realidade muitas vezes tida como imaginária a qual os outros não estão acostumados. Mas seu papel é fazer com que os que estão acorrentados tirem de si estas correntes, comecem a ver além da escuridão, buscando sempre a luz. Isto não é uma tarefa fácil, pois muitos fazem das sombras a sua realidade, muitos fazem do senso comum seu conhecimento seguro, muitos fazem da escuridão sua principal identidade, por isso deve-se ir além dos limites, desempenhando assim um bom papel de educador.

Alguns educadores reproduzem a Alegoria da Caverna quando fazem com que seus alunos acreditem e respeitem só o seu poder, seu modo de pensar. Não incentivando a liberdade para o diálogo, ocorrendo assim à reprodução do conhecimento. Esta educação é baseada meramente no tradicionalismo, onde os alunos são vistos como mero reprodutores de informações, pois não são induzidos a buscar, criticar e enxergar novos conhecimentos. Partindo dessa análise, Platão aborda na Alegoria da Caverna que:

A ausência de sinceridade constitui o cerne do agir desordenado das multidões. Faz-se o que tem aceitação, o que tem estima, o olhar desconexo da verdade julga, bem como condena a práxis que se distancia do “espetáculo”. Essa ausência da verdade torna os “amadores de espetáculo”, “presas” fáceis de suas próprias representações. Pois, a cada momento os homens têm uma verdade, não sendo ela mais do que um distanciar da coisa em si. As sombras os enganam, e isto acontece com facilidade.

Percebe-se que a verdade é reduzida a algo aparente que faz de si algo inquestionável, pois o que vê é tão claro que não abre espaço para críticas. Cada passo, cada pensamento é controlado pelo aparente. A partir dessa análise nota-se a importância que o educador tem no educar, devendo tentar mudar esse pensamento controlador e dar espaço para o pensamento libertador.

A Alegoria da Caverna pode ser compreendida em alguns filmes como “Sociedade dos Poetas Mortos” dirigido por Peter Weir, onde mostra uma tradicional escola em que o educador liberta seus alunos e incentiva-os a buscar seus sonhos e objetivos, não aceitando assim tudo que lhes é transmitido. Outro filme que também pode ser comparado a Alegoria da Caverna é o filme **Matrix** dirigido por Lana Wachowski e Andy Wachowski, o filme alerta que o conhecimento humano pode ser um risco, quando é usado para camuflar a realidade, ou seja, para enxergarmos o mundo pela ótica da aparência (os sentidos), e não da essência (a razão).

Na atualidade permanece na caverna aquele que tem medo de experimentar novos caminhos, novas aprendizagens, novas propostas educacionais. Ainda há educadores que se privam de ver a luz e também privam seus alunos, de enxergar um mundo de possibilidades, mas estes estão se tornando fadados e suas práticas muitas vezes são interrompidas, pois o mundo faz com que a luz de algum modo chegue até os educandos. Há também o oposto, e o brilho deste outro educador com propostas desafiadoras, convidativas, inovadoras para o mundo atual, fazendo com que haja o processo de libertação e todos tenham em mente que tem vida, voz e vez.

4 CONSCIENTIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA BASEADA EM UMA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA

Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação os discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (Focault).

A educação é política, pois é feita por indivíduos que vivem na sociedade, deve sempre ter em mente que educar é conscientizar, lutar contra qualquer forma de opressão. Para Freire “a educação nunca é neutra, nossa ação é essencialmente política, nossa ação contribui para tornar o mundo mais justo”.

Qualquer processo educativo e social tem intenção política, por isso o educador tem um papel importante de conscientização na sociedade.

Ao novo educador compete refazer a educação, reinventá-la, criar as condições objetivas para que uma educação democrática seja possível de um novo tipo de pessoas, preocupadas em superar o individualismo. (GADOTTI, 1998, p.90).

O educador sábio é aquele que consegue enxergar além desse mundo, buscando a razão do outro, reconhecendo e enxergando que vivemos sempre em processo de libertação, buscando sempre meios para uma melhor aprendizagem.

O processo de transmitir conhecimento elaborado depende do processo e da assimilação de uma postura política por parte do educando e também pelo educador.

De acordo com Vygotsky (2001), conhecimento cotidiano e conhecimento científico devem ampliar-se mutuamente, de modo que se promova uma

aprendizagem escolar que desenvolva o sujeito integral, visto como socioculturalmente inserido no mundo.

Deve-se manter uma relação consciente na formação e reprodução do educando, não só formando educandos, mas indivíduos pensantes e críticos para integrar na sociedade e ser um cidadão social, político e intelectual.

A escola precisa reformular mudar sua estrutura gerando com isso participação da sociedade nos processos educacionais, integrando sociedade e escola. Mostrando aos indivíduos que a democracia pode e deve ser construída na comunidade escolar, para isso é necessário viver a democracia dentro da escola, sempre buscando preparar as novas gerações para desempenhar um papel verdadeiramente consciente, político e educacional.

De acordo com Matoan (2003) a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é marcada pela abertura de possibilidades para a realização de transformações no currículo escolar, apresenta conceitos de flexibilidade e inovação, orientados por concepções pedagógicas relacionadas diretamente à aprendizagem dos alunos, onde todos os processos da escola estão presentes desde princípios, procedimentos metodológicos, avaliação, definição e desenvolvimento de conteúdos.

O educador deve inserir-se em um novo contexto que implicará em uma mudança, abandonando o tradicionalismo, onde muitas vezes conteúdos são reproduzidos criando a cópia da cópia. Deve-se criar uma educação que enfatize a construção de metodologias dinâmicas, criativas e dialogadas, almejando sempre um processo educacional libertador.

Existem recursos que podem ajudar aos educadores a encontrar inspiração, como também orientação para um melhor apoio aos alunos, sem exceção, com isso os alunos irão ter sucesso na escola. A escola necessita de um novo paradigma, onde o professor acima de tudo respeite os alunos como seres participativos e diferentes.

A democratização das práticas sociais está relacionada às várias transformações no campo da ação pedagógica. Deve-se ocorrer uma revalorização

das relações interpessoais de cooperação e solidariedade, o reconhecimento do caráter coletivo dos processos de construção da identidade, do conhecimento desenvolvendo dessa forma autonomia intelectual e social.

Para que ocorra uma educação de qualidade para todos devem-se obter mudanças nas propostas educacionais como também na organização curricular idealizada e executada pela comunidade escolar, com um projeto político pedagógico verdadeiramente democrático, baseado no meio social e cultural que a escola se localiza. Não se deve pensar esta proposta como utópica e sim como difícil de ser realizada, pois requer a prática da democracia que pode ser feita e introduzida no ambiente escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise sobre A Alegoria da Caverna, percebe-se que nós vivemos até hoje em uma “caverna”, há muitos que não querem sair da caverna, que não estão dispostos a pensar, pois se acomodam, estão acostumados a ver e fazer só o que querem, acreditando que somente aquilo é verdadeiro, que não precisa-se pensar muito.

Então somos convidados (educadores) a sair da caverna, ver a realidade que nos cerca, deixar de ser submisso, para que isso ocorra, só depende de cada indivíduo, cada educador, que aprenda a pensar no mundo em que existe e muitos não conhecem. Sabe-se que essa libertação é lenta e dolorosa, pois é mais fácil ficar no comodismo, mas é possível sair do comodismo e vivenciar novas estratégias que possibilitem um melhor ensino e integração entre toda a comunidade escolar.

Para o professor, a escola (...) é, também, lugar de construção de relações de autonomia, de criação e recriação de seu próprio trabalho, de reconhecimento de si, que possibilita redefinir sua relação com a instituição, com o Estado, com os alunos, suas famílias e comunidades.” (BRASIL. MEC, 1998, p. 32).

Com este pensamento de mudança Rubens Alves distingue o professor do educador:

Professores há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. (ALVES, 1993, p.11).

A educação é o único meio para alcançar o sucesso, a luz, o conhecimento, por isso é preciso que o educador não seja como os presos da caverna de Platão, deve-se abrir a mente, refletir, dialogar, passar para os nossos alunos uma educação de liberdade onde todos aprendem e com isso todos chegam a um objetivo que é o conhecimento. O educador deve assumir o papel de parceiro do aluno para que ocorra o processo de aprendizagem, influenciado assim de forma decisiva na qualidade de ensino.

Educar é essencialmente motivar, colaborar para que o aprendiz possa se encontrar, dar espaço a liberdade, a interpretação, despertando a habilidade de ler e interpretar, libertando o indivíduo das cavernas e mostrando que todos podem observar e vivenciar novos horizontes.

Contudo, para sair da caverna, o educador precisa compreender que a realidade educativa na qual está inserido, é determinada pelas relações de poder, por isso o educador deve emancipar-se senão ficará aprisionado dentro da caverna.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**, 27^o ed. São Paulo: Cortez, 1993.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. MEC, 1998.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 13.ed. São Paulo: Ática, 2005.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Cortez, 2008.

COTRIM, G. **Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas**. 15. ed. São Paulo. Saraiva, 2000.

CUNHA, José Auri da - **Filosofia - iniciação à investigação filosófica**, São Paulo: Atual Editora, 1992.

DEMO, Pedro. **Conhecer & Aprender – Sabedoria dos Limites e desafios**. Porto Alegre: ARTEMED, 2000.

DOUGLAS, William; GOMES, Nataniel. **Arte da Guerra para Professores: estratégias vencedoras para o exercício do magistério**. Niterói, RJ: Impetus, 2012.

ELÍADE. Mircea. **Mito e Real: idade, debate e filosofia**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1972.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

JAEGER, Werner Wilhelm, 1888-1961. **Paidéia: A formação do homem**. 3^a ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JERPHAGNON, L. **História dos Grandes Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MATOAN, Maria Teresa Ègler. **Inclusão Escolar O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003

MONROE, Paul. **História da Educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1958.

PLATÃO, **A República**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

REALE, Giovanni, e Dario Antiseri. **História da Filosofia - Antiguidade e Idade Média**. Vol. Vol.I. III vols. São Paulo, SP: Paullus, 1990.

VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.